

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS,
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

ÍTALO ALESSANDRO LEMES SILVA

**SUBJETIVIDADE COMO NORTEAMENTO DE CONVIVÊNCIA - EXTRATO DO
ENSINO DE FILOSOFIA CLÍNICA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE
CURSOS TÉCNICOS ARTICULADOS COM A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Anápolis - Goiás
2015

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS,
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

ÍTALO ALESSANDRO LEMES SILVA

**SUBJETIVIDADE COMO NORTEAMENTO DE CONVIVÊNCIA - EXTRATO DO
ENSINO DE FILOSOFIA CLÍNICA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE
CURSOS TÉCNICOS ARTICULADOS COM A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-Graduação
Faculdade Católica de Anápolis, da
Faculdade Católica de Anápolis, como
requisito obrigatória para a obtenção do título
de Especialista em Filosofia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Packer

Anápolis - Goiás
2015

AGREDECIMENTOS

Aos meus alunos e alunas que compartilham comigo a existência. Diariamente, na relação de espaço e tempo, elaboramos as significativas e significantes intercessões humanas, mesmo marcados pelo desconforto de hierárquicas e burocracias. Eu percebo, com grande sensibilidade, a partilha de parte do que são e do que esperam sobre o mundo. Confesso que com os meus amados alunos eu me confundo como aprendiz exercendo a função de professor, pois é deles, por eles e com eles que eu aprendo a ser mais humano.

Às amigadas. A vida crua é cruel. Tenho me (re)significado com amigos e amigas ao dividirmos conselhos, leituras, debates, poesias, loucuras, viagens, dias, noites e madrugadas. Gratidão por existirem, em intensidades distintas, no meu nada e deste compõem a minha existência e aquilo que eu enxergo sobre ela.

Ao querido professor e mestre Lúcio Packer. Não erro em dizer o quanto a formação que recebi de ti me afetou olhares diferenciados sobre as pessoas e sobre as coisas. Conhecer-lo foi me reconhecer. Por ti tenho enorme gratidão para seguir acreditando em uma filosofia engajada. De ti aprendi caminhos para apreciar a alma humana e poder fazer partilhas mais honestas com as pessoas que posso encontrar nessa jornada que chamamos de vida. Gratidão por toda entrega para nós, seus admiradores, partilhantes e aprendentes, gratidão ainda pelos silêncios fraternos, pela paciência... Muitas “angústias” que me provocou, foram indispensáveis para lapidar amadurecimentos técnicos e emocionais. Sou um professor infinitamente mais humano depois de ter frequentado suas aulas e ter a sua escuta. Obrigado.

Por fim, a Faculdade Católica de Anápolis. Meu segundo berço, minha segunda família. Desta casa me fiz e dela projetei-me como filósofo e como profissional da sala de aula. Aonde vou eu levo o nome desta instituição como quem não apenas fez a faculdade e sim foi feito por ela. Minha EP (Estrutura do Pensamento) tem diversas referências desta admirável academia de ensino superior. Foram várias horas de aulas, biblioteca e convivências que certificam, nos fragmentos dos meus *eus*, a experiência do perene ensino-aprendizagem que levo.

EPÍGRAFE

“Quanto mais diferente de mim alguém é, mais real me parece, porque menos depende da minha subjetividade.”

- de Fernando Pessoa

[Do heterônimo: Bernardo Soares (no Livro do Desassossego)]

RESUMO

Este texto trata do acatamento das experiências realizadas no ensino ponderado de Filosofia Clínica no ambiente de formação técnica articula com a educação básica, em seis turmas dos cursos de Eletroeletrônica, Eletromecânica e Alimentos. Partindo de conteúdo, panorâmico e reflexivos, trabalhado em um bimestre específico na grade curricular dos anos letivos de 2011 e 2012 da Escola Sesi/Senai Professor Venerando de Freitas Borges, na cidade Aparecida de Goiânia - Goiás. Há também o relato de uma ideação extraclasse, realizada na relação docente-discente com o objetivo de levantar a problemática da convivência com as diferenças, tendo como ponto de partida e amparo a análise de subjetividade com inspiração no conhecimento filosófico clínico. Nessa proposta expõem-se a metodologia adotada no processo de atividades, dinâmicas, debates e leituras científicas visando o eixo de habilidades idealizadas para a contribuição para a indústria. Por fim, tal artigo apresenta um projeto idealizado na suscitação de uma Filosofia Clínica Organizacional como mecanismo indispensável para o desenvolvimento pessoal e profissional do industrial.

Palavras-chave: Subjetividade. Ensino. Escola. Filosofia Clínica.

ABSTRACT

This text deals with the collection of the productions carried out in the weighted teaching of Clinical Philosophy in the technical training environment articulated with a basic education, in six classes of the courses of Electroelectronics, Electromechanics and Food. Based on content, panoramic and reflective, worked in a specific bimester in the curricular class of the 2011 and 2012 school years of the Sesi / Senai School Professor Venerando de Freitas Borges, in the city Aparecida de Goiânia - Goiás. There is also the report of an extraclass ideation , held to the extent that the subject is a communication problem, as a problem of sampling and analysis of subjectivity with inspiration in clinical philosophical knowledge. This proposal sets out the methodology adopted in the process of activities, dynamics, debates and scientific readings aiming at the axis of idealized skills for a contribution to an industry. Finally, this article presents an idealized project in the creativity of an Organizational Clinical Philosophy as an indispensable mechanism for the personal and professional development of the industrial sector.

Keywords: Subjectivity. Teaching. School. Clinical Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Capítulo I - O ENSINO DE FILOSOFIA	08
1.1 - A Filosofia no Ensino Básico Articulado com o Técnico Profissionalizante	09
Capítulo II - METODOLOGIA DE ENSINO	11
2.1 - Iniciações do estudo	11
2.2 - Estratégias de ensino	13
2.3 - Da correspondência dos educandos - aspectos da subjetividade Escritores de autoajuda: atributos predominantes	16
Capítulo III – PRODUÇÕES DESTAQUES	18
3.1 - Análise rasa de Categoria	18
Capítulo IV – A ABORDAGEM SOBRE A SUBJETIVIDADE	20
4.1 - Subjetividade no combate ao bullying	20
4.2 - Subjetividade como contribuição da Filosofia Clínica organizacional..	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

O presente artigo é a apresentação sintética, em forma de relatório escrito, dos resultados da prática do emboque do ensino de Filosofia Clínica para adolescentes em processo de formação técnica profissional. O objetivo fundamental é o de ser um meio sucinto de divulgar e tornar conhecido as adoções positivas quanto aos resultados obtidos pelo professor Ítalo Silva no desafio de ensinar Filosofia Clínica em um ambiente educacional incomum (Educação Básica articulada com a Formação Profissional). Nesta realidade de ensino profissionalizante com formação da base comum que foi formulado a estratégia de utilizar da Filosofia Clínica como mecanismo de uma formação pessoal e profissional de sujeitos em fase de formação técnica de nível médio para a Indústria brasileira e o presente trabalho apresenta sucintamente uma suma dos resultados alcançados.

Apesar de não haver a previsão curricular do conteúdo de clínica filosófica no Ensino Médio Articulado a Educação Profissional do projeto de articulação entre Sesi e Senai, a abordagem de tal ensino é o desafio em corresponder com várias bases idealizadas, pela solidez da reflexão da Filosofia Clínica, para a formação de técnicos para a indústria, capazes de oferecer mecanismos na preparação da habilidade técnica-humana para o mercado de trabalho e a provocação crítica do educando para o processo existencial-profissional como um todo.

Levando em conta que esse ensino técnico articulado com a base média regular prevê um estudo de filosofia e sociologia com o objetivo de formar profissionais humanizados, isso é, capazes de formular uma ideia crítica quando a sua própria natureza e for capazes de intervirem positivamente na sociedade, o estudo de Filosofia Clínica foi ao encontro dessas habilidades máximas prevista pelos documentos pedagógicos da instituição, isso é, foi ferramenta fundamental para completude da competência alvo da proposta pela instituição de ensino.

1. O ENSINO DE FILOSOFIA

Quando tratamos o problema do ensino de filosofia, seja para crianças, adolescentes ou adultos, contemplamos dois grandes embates na abordagem. O primeiro é quanto à investida de estudo da História da Filosofia, e o segundo é a proposta de trabalhos por temas reflexivos-críticos em vista da autonomia de pensar do direito individual de cada educando ao elaborar a própria maneira de ver e interpretar a realidade. Unindo em dialética essas duas formas de trabalhar (abordar) a disciplina de filosofia é proposta no possível, partindo da narrativa da filosofia histórica, elaborar reflexões fundamentadas nos principais teóricos da história da filosofia e poder criar no educando o espírito crítico e analítico quanto à realidade e sua complexidade.

Deve haver um cuidado peculiar no processo de ensino filosófico, que também tange todas as disciplinas e conteúdos de forma geral, isso é considerar o incômodo (e ausência de ética) do estudo orientado no perigo de um agendamento de ideias formadas na prática tendenciosa do ensino (influência de ideologia do professor). O ensino-estudo de filosofia não pode se tornar uma proposta de tornar a disciplina uma religião e a sala de aula um ambiente de doutrinação de ideologias pessoais. Para evitar a manipulação e dar autonomia para que o educando, na construção de suas próprias simulações, é necessário estabelecer estratégias provocativas e ao mesmo tempo imparciais quanto ao que se propõem ensinar-estudar em sala de aula.

No atalhar da formação de pessoas repetidoras de ideias, incapazes de formular sua identidade no meio cultural e social, é que pedagogicamente a filosofia deve ser proposta na provocação aberta, instigando a apreciação franca, capaz de articular o ensino com a prática, sabendo levar para o existencial e/ou cotidiano as teorias e reflexões provocadas por filósofos. Nessa perspectiva estuda, por exemplo, Sócrates, na leveza de entendimento como um pensamento próprio inserido em um contexto social e histórico, logo por consequência, o estudo é orientando para a extração de vertentes capazes de coroar algum sentido no ambiente em que o

educando está inserido, e disso simular vínculos com possíveis situações potenciais vivenciadas pelo sujeito em formação escolar.

É estreitamente complicado imaginar um ensino-estudo filosófico livre e libertador que não inicia-se e divaga no resgate e respeito a subjetividade de todos os envolvidos nesse processo gnosiológico estudantil.

1.1- A Filosofia no Ensino Básico Articulado com o Técnico Profissionalizante

A Federação das Indústrias do Estado de Goiás, através de uma parceria entre o Sesi e o Senai promove o EBEP (Educação Básica articulado com a Educação Profissional), onde em suas três etapas (nos três anos de duração) contem o estudo de filosofia com o objetivo de formar profissionais críticos e humanizados para atuação nas indústrias. Dentro do trabalho interdisciplinar em leituras da atualidade Sesi e Senai conduzem uma formulação de estudo preparatório para a Indústria e para a vida cotidiana.

Nessa situação, em atender o seu objetivo fundamental de provocação de profissionais humanizados e críticos, com a aprovação da coordenação pedagógica e iniciativa do professor titular da disciplina, foi encaixado o ensino de Filosofia Clínica como um plano piloto nos primeiros bimestres dos anos de 2011 e 2012. A proposta teve como foco os educandos das terceiras etapas dos cursos técnicos de Eletroeletrônica e Alimentos da Unidade Professor Venerando de Freitas Borges.

A proposta central em estudar Filosofia Clínica com esses adolescentes/jovens, de 16 à 18 anos de idade, é contemplar uma reflexão mais aprofundada quanto a subjetividade do ser. Esperando ainda que fossem desenvolver capacidades de formular um autoconhecimento associado ao olhar analítico do outro. Resultante o moldar de uma competência estratégica para possibilitar a concepção de profissionais a) apropriados de si, b) destaques éticos em que lhes é esperado no mercado de trabalho, e c) pessoas pratiquem o respeito pela subjetividade do outro, isso é, caminho para conviver de forma respeitosa tanto no ambiente escolar, como na futura atuação profissional.

O plano de utilizar o conhecimento da Filosofia Clínica em prática corporativa já anunciava, não só o resultado final como profissionais mais seguros

de suas identidades, mas também como pessoas melhores orientadas quanto as suas emoções no gerenciamento de conflitos em convivência necessária no mundo do trabalho. Percebe-se ainda, como foco a priori, a construção de um ambiente escolar de respeito em oposição a climas de *Bullyings* comuns nos ambientes escolares, que cada dia mais são locais de sustentações de preconceitos com as diferenças.

2. METODOLOGIA DE ENSINO

2.1- Iniciações do estudo

Compreendendo o processo de ensino aprendido que se difere na exigência do perfil de cada turma é que se fez necessário uma adequação de planos de aulas para o estudo de Filosofia Clínica com os adolescentes. Os conteúdos, ao que tange a Filosofia Clínica, obviamente foram enxutos remodelados didaticamente sem aprofundamentos dos Tópicos da Estrutura do Pensamento, voltados então para uma vista mais existencialista e singular da Filosofia Clínica.

O foco principal foi em uma visão genérica da abrangência das reflexões que fazem parte da Filosofia Clínica. Foram assim estudados e comentados os 1) pensamentos sofistas como os principais teóricos que ofertam embasamentos para a essa linha de estudo, e, 2) de forma sucinta abarcando a Análise de Categorias.

Foram associados aos conteúdos abordagens de temas transversais, para a associação prática do que é estudo teorizado. Frente a isso visava-se a habilidade de um estudo que considera a atualidade como ponto de partida para pensar a realidade de forma subjetiva, e conseqüentemente reconhecer e aceitar a subjetividade dos outros. Destacamos como atividades didáticas: Apresentação de filmes, leitura de livros, leitura comentadas em grupos, problematizações de artigos e reportagens de jornais, são algumas das propostas realizadas, à luz da clínica filosófica, nesse projeto piloto. Os trabalhos realizados serão comentados nos próximos subtítulos.

A primeira explanação foi quanto ao gênese da Filosofia Clínica e dos ideais motrizes da teorização pelo filósofo Lúcio Packter (1997) e como no decorrer da história a Filosofia Clínica tem conquistado abrangências de aplicação em escolas, clínicas e em corporações.

Partindo do pensamento de Protágoras da leitura do homem como um ser subjetivo, ao qual é ilustrado como “a medida de todas as coisas”, os educandos foram convidados à reflexão dos aspectos singulares que cada pessoa traz em si.

Por exemplo: Do argumento de Protágoras que diz que “e primavera em Atenas. E um visitante da Suécia queixa que faz calor em Atenas. Há também em Atenas um visitante do Egito que lamúria o frio da cidade. O complexo, que mesmo falando veracidades contraditórias os dois dizem a verdade, fato. Pois cada pessoa julga as coisas partindo das suas experiências.” Partindo essa máxima, que inclusive é fonte da análise do sujeito em Clínica, foi iniciado o estudo e a reflexão à luz da filosófica clínica naquelas turmas com uma dinâmica onde educandos, organizados em grupos, encontrassem exemplificações similares a de Protágoras para pensar o ser de forma subjetiva. Uma atividade pedagógica que, em outras palavras, desafiou os estudantes a fazerem paráfrases com foco no cotidiano e nas próprias características peculiares de suas práticas e convivências.

Ainda da História da Filosofia foram lidos e comentados textos de Kant, Hume e Arthur Schopenhauer, com a abordagem das verdades subjetivas e consensuais que são interpretadas pelos sujeitos que se propõem ao entendimento sobre a vida.

Destacamos a recorrente utilização do filósofo Schopenhauer que, em outros exemplos de atividades pedagógicas, foram realizadas dinâmicas de compreensão empíricas fundamentadas na verificação do “Mundo como Vontade e Representação” que cada pessoa realiza.

Quanto a compreensão estética em Schopenhauer, em gancho com a abordagem de verdade subjetiva da arte em Kant, os educandos foram provocados a reflexão ligada a subjetividade do ser apontando em uma atividade em grupo onde as divergências que há na percepção de diversas artes. Partindo do conceito elaborado sobre beleza, e com o manuseio das gravuras selecionadas, os educandos foram instigados em perceber nas pinturas, comentadas e explicadas pelos próprios, em que consiste “o mundo como vontade e representação”, conduzido em buscarem manter o foco de análise mais próximo do teorizado, ou seja, a tentativa de perceberem a definição fundamenta Schopenhauer (2005).

Os colegiais também fizeram o exercício de relatarem frases que geralmente trazem como verdade por identificação como “sabedoria de vida”, “lema”, “ditados populares”, “citações prediletas”, e outros nomes que geralmente descrevem as

excreções máximas que tangem como percebem a si mesmos e como visualizam o mundo.

Depois do levantamento das frases, ainda em mesma aula, os estudantes foram conduzidos para apontarem a frequência perigosa de generalizações que as mesmas trazem. Textos estes que geralmente não compreendiam a construção de verdades individuais e consensuais no meio sócio e sim a busca do absolutismo que mutila e pessoa rotulando-a em determinadas características.

As frases que os estudantes trouxeram como “suas verdades mais seguras”, foram em sua maioria ditados populares e/ou recortes de músicas ou livros. Por essas frases foi possível abrir os debates sobre os tipos de verdades a) absoluta; b) subjetiva e c) consensual.

Norteados pelo trabalho pedagógicos e filosófico, os estudantes de formação técnica profissionalizante aliada ao ensino médio regular, foram convidados a (re)pensarem até que ponto as verdades que “tomamos pra si”, não representam reproduções impensadas e/ou tradição.

Sobre esta proposta descrita, afirmamos que o exercício visou pontuar a necessidade de relativizar as questões de verdade e reconhecer que não são todas as pessoas que constroem a mesma visão sobre o mundo e sobre si mesmas. Mesmo havendo visões universalizadas pelas instituições tradições. Alguns autores da filosofia foram suporte de reflexão nessa atividade, por exemplo, 1) Nietzsche (2006), *mora do rebanho e questões do mundo ocidental*; 2) Foucault (1996), *a arqueologia do saber e o discurso como verdade de época*. Pontuamos o uso do livro Nietzsche e a verdade, de Roberto Machado (1984).

2.2 - Estratégias de ensino

Pensar na educação brasileira nesse início de século XXI é compreender a grande carga de pessimismo envolta em inúmeras tentativas de encontrar uma solução salvífica para os vários problemas que são atribuídos a realidade educacional. Vários são os teóricos e os esforços acadêmicos e profissionais para

apresentação da solução aos problemas da educação no Brasil. Vários também são os programas governamentais e não governamentais que propõem solucionar os dilemas escolares brasileiros, que apresentam baixos resultados em comparação aos maiores estados do mundo.

Assim, um dos pontos geralmente problematizado é sobre o gasto brasileiros com a educação, que

são hoje da ordem de 5 a 5.5% do Produto Interno Bruto, mais do que a Argentina e Chile, e semelhante à Itália e Japão. Outros países, com recursos semelhantes, conseguem resultados bem melhores. Embora existam ainda muitas carências, que podem justificar gastos adicionais, o que se necessita agora é, sobretudo, de uma nova geração de reformas que parta de um diagnóstico correto dos problemas, e permita usar bem todo este investimento que já existe (SCHWARTZMAN, p. 9-51, 2005.)

Dos alvos críticos levantados pelas diversas fontes que buscam compreensão dos problemas educacionais brasileiros, destacamos 1) a desmotivação dos educandos e educadores frente as diversas realidades; 2) a falta de amparo legal e estatal das propostas de revisão e reforma da educação; 3) a fama da corrupção política que tira o crédito da restante constância pública em prol da escola e seus profissionais; 4) a falta de procura pela carreira de professor e a credibilidade da licenciatura em universidades brasileiras. São apenas algumas das diversas nuvens que assombram o horizonte educacional do Brasil.

A atividade docente, para atingir o seu sucesso, necessita de propor uma relação de (re)encanto e credibilidade com aquilo que se propõem a estudar-ensinar. Como pontua Paulo Freire, é necessário alimentar-se da paixão por ensinar para um bom trabalho na relação de ensino e aprendizagem (GADOTTI, 2007).

O ensino-estudo de Filosofia Clínica no EBEP nasceu justamente como uma estratégia de responsabilizar-se com a educação brasileira em uma realidade micro, porém dessa pequena experiência é possível perceber e remeter a nortes maiores sobre a escola e o seu papel de formação humanista.

Na performance da aula os professores e as professoras são desafiados na realidade árdua, acima descrita com alguns pontos. Os profissionais da regência de aula são, sobretudo, desafiados a proporem dinâmicas que prendam a atenção dos

seus educandos. Buscando levar o grupo de estudantes a fazerem conexões com a proposta de aula, e nesta interseção entre professores-estudantes-conteúdos, que na prática não cumpri sempre essa ordem, aproveitarem mais e melhor da proposta de aprendizagem.

Aqueles que se desafiam a vivenciarem a educação precisam perceber em cada aula uma oportunidade de conquista e relação formativa. Considerando o avanço complexo da globalização, como processo disto uma crise de (re)formulação de valores oriundos das novas leituras feitas sobre a realidade, a vocação do professor de apaixonar-se e instigar a paixão pelo que ensina, certamente não pode desconsiderar as novas tecnologias e os debates gerados a partir disto.

A estratégia de ensino é assim uma constante imprescindível, é o eterno vir a ser em busca de realização de uma atuação eficaz dos profissionais da sala de aula. Remetendo ao fluxo de Heráclito, podemos pensar na ideia de uma nova identidade de professor em tempo tecnológico e de mundialização da *internet*. Fluxo este que se encaixa e desloca a todo instante no aliar-se indefinido e mutante da nova ideia de aluno como um ser bombardeado de informações na era da *internet*, porém, no que traz de efêmero e volúvel, esse mesmo ser, sobrecarregado de informações também carrega uma Estrutura do Pensamento fragilizada e entregue as ilusões de uma tristeza comum ao homem contemporâneo.

Partindo da ideia exposta podemos afirmar que o trabalho de implantar a Filosofia Clínica no panorama de estudos de uma educação profissional articulada com a formação básica, métodos e resultados aqui analisados, é uma tarefa de estratégia de ensino que vem ao encontro de a) elaborar formas diferenciadas de ensino; 2) apontar reflexões sobre a subjetividade dos indivíduos envolvidos; 3) contribuir para a atuação humanizada que reconhece a própria subjetividade em respeito com a subjetividade dos outros. Afirmamos ainda, que as atividades pedagógicas aqui relatadas estão no transpassar aos moldes da formalidade curricular e contempla a formação do homem como um todo à luz dessa abordagem nova e inovadora da Filosofia Clínica.

A Filosofia Clínica quanto em uma abordagem terapêutica é iniciada sempre partindo apreciação do “assunto imediato”, que é geralmente a cauda que mobilizou

a pessoa a procurar um filósofo clínico. Pela escuta elabora-se juntos, partilhante e filósofo, a historicidade do falante. Com isso temos um ofício que não é possível enquadrar nas métricas categóricas cartesianas. Da escutatória até as possíveis intervenções temos um mar imprevisível no fluxo que é a leitura da subjetividade (PACKTER, 1997).

A exemplo da metodologia clínica, consagrada na gênese do assunto imediato, a estratégia do ensino-estudo da Filosofia Clínica nas Escolas Sesi e Senai, foi realizada escutando primeiro as angustias próprias de cada turma. Assim foi possível elaborar as aulas de forma a atender as necessidades mais comuns naquele grupo.

Na Clínica o assunto imediato é um ponto de diagnóstico que nem sempre é justificado nele mesmo (PACKTER, 1997). Na sala de aula também, considerando a realidade pulsante e constante que é a existência humana, foram surgindo novos aspectos a serem discutidos e pensados juntos. Logo a metodologia de ensino foi lançada em moldes clínicos de escuta, dinâmica, angustias, reflexões e quando possível intervenções. Adiantamos que os principais pontos de diálogos, levantados pelos envolvidos, foram questões sobre relações pessoais com os colegas de escola, amigos, namoros e com família.

2.3 - Da correspondência dos educandos - aspectos da subjetividade

Segundo Lourenço & Paiva (2010), a motivação escolar, advinda de diversos fatores, é de suma importância para a eficácia do processo de aprendizagem na escola. No trabalho de aplicação e adequação da Filosofia Clínica para tratar as questões sobre a subjetividade, com os educandos do ensino médio articulado com a formação técnico profissionalizante, pode provocar a motivação dos educandos trazendo-os para as atividades pedagógicas com maior envolvimento.

Considerando que o nosso ponto de partida foi o resgate das subjetividades, as atividades não foram apenas trabalhadas com o conteúdo. Houve, sobretudo uma busca por posturas que considerassem o respeito e a subjetividade do educandos naquilo que foi valorizado dos aspectos individuais de cada uma.

Podemos pontuar com isso que a motivação dos alunos com as atividades pedagógicas se davam no bojo do envolvimento que tinham com questões de se verem naquilo que estava sendo estudado, dado que os filmes, as músicas, os textos e frases que foram trabalhados em aula foram apresentados pelos próprios educandos.

Em suma podemos dizer que o projeto foi feito alicerçado no 1) estudo da importância da subjetividade; 2) com postura pedagógica que considerava o que cada educando tem de subjetivo; e 3) apontando a consideração das subjetividade como caminho para a convivência saudável entre diferentes.

3. PRODUÇÕES DESTAQUES

3.1- Análise rasa de Categoria

Destacamos como trabalho pedagógico significativo da Filosofia Clínica usada como elemento de resgate da subjetividade uma breve análise de categorias da estrutura do pensamento de personagens da ficção. A atividade proposta foi a elaboração de um curto artigo em que os estudantes, em grupo, elegiam um personagem de filme ou livro para a construção de um texto que demonstrasse a subjetividade dos personagens em três categorias: 1) como o mundo lhe parece; 2) o que acha de si; e 3) bruscas.

Com a orientação do professor os alunos selecionaram falas dos personagens que demonstravam características que denunciavam em si pontos de como o personagem se descrevia, como descrevia o mundo e em que se dava os seus sonhos. Sobretudo o objetivo primordial era confrontar as múltiplas identidades que um sujeito pode ter sem se apegar em um modelo ideal ou normal de pessoa.

Desta atividade tivemos como personagens analisados: O Batman, super-herói de histórias em quadrinhos publicadas pela editora norte-americana DC Comics; a Alice, do livro *Alice no país das Maravilhas*, escrito por Lewis Carroll; Percy Jackson, o protagonista das séries *Percy Jackson & the Olympians* e *The Heroes of Olympus*, escrita por Rick Riordan; Bento de Albuquerque Santiago, também conhecido como Bentinho ou ainda Dom Casmurro, é personagem do livro *Dom Casmurro* escrito por Machado de Assis.

Após a construção escrita dos trabalhos foram apresentados para a turma. Partindo disto foi realizado debate em que a historicidade de cada personagem foi comentada. A apresentação e debate foram realizados, sobretudo, frisando as três categorias da estrutura do pensamento, já citadas. É interessante destacar que partindo dessa atividade os educandos relatavam que depois do trabalho passavam a ver os personagens da ficção de uma forma diferente. Ou seja, ao considerar os personagens foram capazes de perceber as questões da subjetividade.

Outro mais é que durante a apresentação do trabalho alguns alunos, ao falarem das categorias caracterizadas aos personagens, também fizeram relatos da própria historicidade e das interseções com as outras pessoas. Esse fenômeno proporcionou momentos de esclarecimentos e orientações ao grupo docentes além da abertura para interpretações literárias diferenciadas à luz da Filosofia Clínica. Colocamos também que, segundo informações da professora de literatura e de artes, a discussão sobre a subjetividade dos personagens analisados se estenderam também como pauta para outras aulas.

4. - A ABORDAGEM DA SUBJETIVIDADE

4.1 - Subjetividade no combate ao bullying

A problemática da falta de convivência respeitosa em ambientes escolares se tornou um assunto de grande relevância no mundo ocidental do século XXI. Muitas escolas, e até mesmo iniciativas estatais e jurídicas, estão elaborando e executando projetos de políticas antibullying.

Segundo Vaz (2012), a violência nas escolas deve ser tratada com intervenções. Destas espera-se sensibilização e conscientização ética. Diante disso os debates que foram realizados à luz da Filosofia Clínica, sobretudo na problematização das subjetividades, buscaram em seus objetivos o diálogo sobre a consideração quanto a pluralidade das subjetividades e o respeito destas. Tivemos assim, com essas aulas, resultados eficazes ao que tange a convivência empática no ambiente escolar.

Uma vez descartados os padrões, modelos de sanidade e considerando o indivíduo sobre aquilo que ele elabora sobre si mesmo, podemos pensar e conversar sobre a tolerância com as diversidades.

Conforme Gusmão (2000), um dos maiores desafios da escola atual é saber como construir compreensão acerca das diversidades. Aponta para:

O que está em jogo é a diferença do outro e sua identidade, que exige que se abdique daquilo que se é, para assumir a identidade do eu como modelo a ser imitado. O eu nesse caso, é o branco, ocidental, cristão, medida de todas as coisas e, como tal, superior. A história dos homens é feita num jogo de imagens expressas num espelho de muitos ângulos, em que a diversidade se mostra em seus muitos significados e, permanentemente, nos desafia, pois tem por base o fato de que a relação entre o eu e o outro é sempre conflitiva e marcada por instâncias diferenciadas de poder (GUSMÃO, p. 13, 2000).

A sociedade ocidental é marcada pela diversidade cultural, étnica, sexual, política, religiosa, dentre várias outras pluralidades da civilização. No contexto escolar, que não se distancia da sociedade como um todo, os indivíduos são geralmente levados pela tendência de buscar se encaixar nos padrões dominantes.

Fazem assim violências contra a própria historicidade e própria subjetividade em nome do que é padronizado. Bem como, um fenômeno comum, perseguem e atacam aqueles que forjem em algum aspecto do considerado normal.

O *bullying* enquanto uma violência escolar, geralmente, se faz por grupos socialmente mais fortes, buscarem padronização dos demais. Nisto geram brincadeiras, apelidos e até mesmo violências físicas.

Considerando todas essas questões, à luz da Filosofia Clínica, utilizamos das reflexões sobre subjetividade e desconstrução dos modelos lógicos de normalidade histórica para tratar sobre a necessidade de uma convivência tolerante e respeitosa. Entre os pontos debatidos destacamos: a) Bullying – as várias caras e consequências dos preconceitos; b) Diversidade Sexual; c) Padrão de Beleza; d) Religiões e religiosidades; e) o papel social do homem e da mulher; e f) Racismos e etnias.

4.2 - Subjetividade como contribuição da Filosofia Clínica organizacional

A Filosofia Clínica, além do mais, serviu de arcabouço teórico para a construção de habilidades e competências relacionadas com a convivência nas Interseções no mercado de trabalho. Como o trabalho se deu nas instituições de ensino ligada a Federação das Indústrias do Estado de Goiás – FIEG, e como tal busca formar pessoas para atuação na indústria, por meio de diálogos orientativos à luz da Filosofia Clínica, foi possível reflexões sobre as subjetividades na convivência.

Uma vez considerando que cada pessoa é única e de historicidade própria as organizações podem atentar-se para duas coisas: Primeiro, conhecendo os indivíduos de forma plural há capacidade de gerar otimização quanto a atuação profissional em que cada um melhor se adequará dentro da diversidade de funções; Segundo, o processo de convivência no mercado de trabalho geralmente é marcado por conflitos entre as pessoas e se considerar a subjetividade poderá fazer gerência para melhor convivência.

Nessa perspectiva as atividades didáticas visaram conscientização dos educandos para uma convivência ética com profissionalismo e respeito com as diversidades. Sobretudo ao que se refere ao respeito e empatia. Partindo do que a Filosofia Clínica elabora sobre autoconhecimento, não como uma necessidade ou um modelo pode afirmar que há contribuições para a convivência no que toca ao autogerenciamento das emoções e reconhecer situações de vulnerabilidades, assim podendo ser evitados eventuais conflitos. Drucker (1999) aponta que um aspecto importante para a gestão de pessoas nas organizações trabalhistas é também a questão de autogestão.

Partindo da definição teórica de Intervenções na Filosofia Clínica, foram realizadas dinâmicas que simulavam conflitos éticos dentro da rotina de trabalho. Dessa maneira foi possível estabelecer diálogos sobre possíveis maneiras de reconhecer riscos de conflitos e como evita-los.

O gestor precisa ser também um indivíduo que aplica a compreensão das subjetividades em sua atuação de liderança, tanto para aperfeiçoar das funções quanto para estabelecer decisões que venham evitar conflitos ou resolvê-los. Drucker (1999) considera que o gestor que aplica seus conhecimentos sobre humanidade se torna mais produtivo, e mais, a sua função executiva se torna também uma função social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste trabalho proporcionar, de forma muito sintética, mas objetiva, as experiências didáticas e pedagógicas ao usar da Filosofia Clínica em sala de aula do curso de formação básica articulada com a educação profissional nas instituições SESI e SENAI. Consideramos os desafios de elaborar um ensino-estudo filosófico livre e libertador que resgate e respeite a subjetividade de todos os envolvidos. Em suma, o conhecimento teórico de Filosofia Clínica foi adaptado de forma didática para alcançar as reflexões sobre a subjetividade dos indivíduos envolvidos. Além de contribuir com a atuação humanizada que reconhece a própria subjetividade em respeito com a subjetividade dos outros. Propomos, à luz da filosofia clínica, a construção de habilidades e competências relacionadas com a convivência nas Interseções no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- AFONSO LOURENÇO, Abílio; ALMEIDA DE PAIVA, Maria Olímpia. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. Ciências & Cognição, v. 15, n. 2, p. 132-141, 2010.
- AIUB, Mônica. **Filosofia Clínica e Educação**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. **Desafios gerenciais para o século XXI**. Pioneira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em, v. 2, p. 10, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Prefácios, 2007.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Desafios da diversidade na escola**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 5, n. 2, p. 9-28, 2000.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. rocco, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**, ou, como filosofar com o martelo. Editora Companhia das Letras, 2006.
- PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: propedêutica**. Porto Alegre: AGE, 1997.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Unesp, 2005.
- SCHWARTZMAN, Simon; BROCK, Colin. **Os desafios da educação no Brasil. Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 9-51, 2005.
- VAZ, Cátia Emanuela Augusto. **Bullying escolar: estudo e projeto de prevenção através do jogo**. 2012. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação.